



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14549 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

INSERÇÃO EM CAMPO E CONSENTIMENTO DE BEBÊS NA PESQUISA ETNOGRÁFICA

Tacyana Karla Gomes Ramos - UFS - Universidade Federal de Sergipe

INSERÇÃO EM CAMPO E CONSENTIMENTO DE BEBÊS NA PESQUISA ETNOGRÁFICA

Resumo: O presente estudo analisa as relações sociais entre pesquisadora-bebês-educadoras que circunscrevem o processo de inserção da pesquisadora no grupo social em meio às práticas cotidianas coletivas de cuidados e educação na creche. Buscamos conhecer as formas de aceitação/consentimento e/ou recusas/desagrados dos/as bebês e demonstrar como essas experiências relacionais afetaram os/as bebês, a própria pesquisadora e os rumos da pesquisa. Com base nos pressupostos da Etnografia, acompanhamos a jornada diária de doze bebês e suas educadoras por meio da observação participante, filmagens e anotações. Evidenciamos diversos modos relacionais entre a pesquisadora e os/as participantes, entrelaçando negociações de sentidos sobre usos da filmadora, ações de cuidado envolvendo práticas cotidianas, o colo da pesquisadora como opção afetiva dos/as bebês, aproximações e distanciamentos sociais entre a pesquisadora e os/as bebês provocados pelos interesses da criança pelos objetos da pesquisadora e oferta de brinquedos para ela, choros, mordidas e balbucios como expressões de desgostos dos/as bebês. O consentimento dos/as bebês mostrou-se provisório, atravessado pelo contexto sociocultural na qual a pesquisadora foi se inserindo ao longo da pesquisa, aberto ao permanente diálogo e negociações de sentidos e significados envolvendo as práticas investigativas e a função social da pesquisadora em perspectiva com as experiências afetivo-relacionais dos/as participantes.

Palavras-chave: Bebês, Etnografia, Inserção em campo, Consentimento.

Fazer pesquisa com crianças pequenas envolve um certo número de desafios, conforme destacam estudos que organizam seus métodos de produção de dados mais

abertos à contribuição direta das crianças, em interfaces com problematizações sobre as relações de alteridade que envolvem os adultos e as gerações mais novas.

Nesse sentido, a presente pesquisa orienta-se por estudos sobre as particularidades da pesquisa de natureza etnográfica com crianças (FERREIRA; LIMA; PIRES, 2019, por exemplo), considerando-as interlocutoras ativas desde bebê e posicionadas socioculturalmente. Dialoga com referenciais alinhados à ruptura com a lógica *adultocêntrica*, que desconsidera as capacidades relacionais, afetivas e cognitivas dos bebês e nos convida a pensar na participação ativa deles, a partir de um fazer investigativo baseado no processo de consideração do ponto de vista da criança (KRAMER; TOLEDO; BARBOSA, 2019), alicerçado numa intencionalidade do ato investigativo que pressupõe disponibilidade relacional de atenção e de responsividade às sutilezas de seus modos particulares e expressivos de comunicação. Em nossas reflexões, nos referimos a um ato responsivo (BAKHTIN, 2011) por parte da pesquisadora, em direção ao encontro social com o bebê na intenção de conhecê-lo, compreendê-lo, interpretá-lo em seus diferentes modos de linguagem.

Pretende-se, especificamente, analisar as relações sociais entre pesquisadora-bebês-educadoras que circunscrevem os processos de inserção da pesquisadora no grupo social, em meio às práticas cotidianas coletivas de cuidados e educação da creche, buscando conhecer as formas de aceitação/consentimento e/ou recusas/desagrados dos bebês e demonstrar como essas experiências relacionais afetaram os bebês, a própria pesquisadora e os rumos da pesquisa.

As discussões sobre referida temática aqui são problematizadas a partir de três questões norteadoras: (i) Como o bebê demonstra aceitação e/ou desagrado com relação ao instituído pelas ações de pesquisa e suas materialidades em meio às trocas interativas com a pesquisadora? (ii) Como a pesquisadora reage socialmente diante dos desagrados e/ou modos indicadores de aceitação dos bebês frente ao que por ela é instituído em suas ações de pesquisa? (iii) Como essas experiências relacionais afetam os bebês, a própria pesquisadora e os rumos da pesquisa?

Os participantes da pesquisa são seis educadoras, doze bebês e suas famílias, integrantes de uma Escola Municipal de Educação Infantil situada na cidade de Aracaju/SE. O material empírico foi produzido por meio da observação participante (109 dias de permanência na escola, duas vezes por semana, no horário das 6h às 17h), filmagens do contexto educativo (aproximadamente 506 horas videogravadas), conversas com as famílias dos bebês pelo grupo de WhatsApp e anotações, durante os meses de novembro de 2021 até abril de 2023. A Etnografia foi eleita com opção teórico metodológica por possibilitar uma base de dados empírica, obtida por meio da imersão do pesquisador nas formas de vida do grupo participante (CORSARO, 2009) e para guiar o percurso de produção de dados por meio da lógica holística e interativo-responsiva de investigação (GREEN; DIXON; ZAHARLICK, 2005).

Ressaltamos que o presente estudo foi aprovado para execução pelo Comitê de Ética

em Pesquisa de uma Universidade Federal de Ensino, pelas educadoras e famílias das crianças participantes. As imagens das crianças aqui veiculadas foram autorizadas pelos responsáveis pelos bebês e os nomes dos participantes são fictícios.

A entrada da pesquisadora na turma dos bebês foi iniciada em 07/02/2022 e aconteceu de modo gradual, aumentando-se o tempo de permanência, com o passar dos dias, à medida em que os participantes não demonstravam desconforto emocional, momento em que as filmagens foram iniciadas. No decorrer do estudo, a câmera foi desligada algumas vezes, para atender ao solicitado pelas educadoras ou quando a pesquisadora percebia sinais de incômodo dos participantes diante do equipamento de filmagem. Nessas ocasiões, as cenas videogravadas foram apresentadas às educadoras e os objetivos do estudo reexplicados, como modo de diminuir possíveis constrangimentos, sendo a filmadora religada somente após o novo consentimento das participantes.

O processo de aceitação da pesquisadora e suas práticas investigativas pelos bebês não se estabeleceu da mesma forma e nem ao mesmo tempo com todo o grupo. As primeiras aproximações sociais das crianças com a pesquisadora, no início da pesquisa, aconteceram, principalmente, a partir da oferta de objetos que estavam no chão, ao alcance dos bebês e que foram disponibilizados pelas educadoras. Em tais ocasiões, a criança iniciou o movimento interativo, a exemplo do que nos revela Carla (8m 3d), no evento ocorrido no segundo dia de início da pesquisa (08/02/2022), quando a bebê se aproximou e estendeu o braço em direção à pesquisadora, sinalizando interesse social por ela, através da oferta de uma bolinha. A pesquisadora retribuiu a investida social da bebê, dizendo para ela: *“Obrigada, neném. Adorei essa bolinha vermelha!”*

Em diferentes momentos da pesquisa, as trocas interativas aconteceram mediadas pelos objetos que pertenciam à pesquisadora e que estavam sendo utilizados por ela, a partir de interesses exploratórios dos bebês: manuseio de saias ou vestidos longos (especialmente com estampas coloridas), botões de blusas, brincos, relógio, estojos, caderno, canetas, celular (utilizado para anotações) e óculos. Em tais ocasiões, as educadoras, muitas vezes, interviam e comentavam com a criança para que buscasse seus brinquedos, conforme descrito nas filmagens do dia 02/03/2022, ocasião em que Carla (8m 10d) mexe nos óculos e depois no relógio da pesquisadora, momento em que uma educadora reage socialmente, dizendo para a bebê: *“Deixe as coisas da professora Tatyana que você tem seus brinquedos, Carlinha. Não fique mexendo, não. É dela. Você tem as suas (coisas).”*

O choro foi o principal recurso utilizado pelos bebês para expressar desconforto emocional e estranhamentos com relação à presença da pesquisadora na turma, especialmente, no início da pesquisa (07/02/2022) e no começo do segundo ano de ingresso na creche (27/02/2023), quando o grupo se reencontrou com a pesquisadora após as férias. Isso pode ser demonstrado nas trocas interativas entre a pesquisadora e a bebê Eloísa (10m 14d), em dois eventos selecionados. Em ambas as temporalidades de (re)encontro - início de cada ano - observamos que Eloísa recusou a aproximação social da pesquisadora, mantendo

o choro, mesmo diante das tentativas empreendidas pela pesquisadora para minimizar o desconforto da bebê, por meio da oferta de outro baldinho e da fala num tom afetivo: *“Olha só, Eloísa!”* (Pausa). *“Agora você tem dois”*, ou diante da saudação de acolhimento que foi dirigida pela pesquisadora para a neném, na ocasião de reencontro com a bebê, quando disse para ela: *“Bom dia, Elô, tudo bem? Saudades de você !”* (Pausa). *“Como você cresceu!”*

Entretanto, ao contrário de Eloísa (14m 18d), Augusto (15m 12d) não chorou com a presença da pesquisadora, nem no início da pesquisa e nem após o reencontro com ela no segundo ano do estudo. No seu primeiro dia de ingresso no segundo ano letivo da creche, ele demonstrou estranhar a nova sala e pareceu reconhecer na pesquisadora uma parceira afetivamente disponível para acolher suas expressões emocionais de desgostos com o novo ambiente, segurando na mão e puxando o braço da pesquisadora, dizendo para ela *“embola”* (embora), se referindo, possivelmente, ao convite endereçado para ambos voltar para sala do ano passado (Figura 1). A mãe do bebê confirma o estranhamento do filho em relação a nova sala, no áudio enviado para a pesquisadora, quando comenta: *“Gutinho entrou desconfiado na sala hoje. Percebi que ele estava triste. Acho que ele estranhou a sala nova que é bem diferente do Berçário. Ele demorou para entrar e ficou olhando para a sala do ano passado.”*



Figura 1: Augusto “convida” a pesquisadora para ir embora (27/02/2023)

O choro também foi interpretado pela pesquisadora como sendo recurso expressivo revelador de desgostos do bebê, em situações interativas nas quais a criança pareceu estar contrariada em seus interesses. Em tais ocasiões, a pesquisadora reagiu socialmente, negociando com o bebê novos sentidos para o que inicialmente estava sendo por ele “proposto”, refutando o instituído pela criança, por meio da oferta da chupeta e/ou do colo ou lhe propondo outra ação no lugar daquela iniciada pelo bebê, conforme registro do dia

(17/04/2022), ocasião em que Carla (10m 5d) revela desagrado, choramingando, ao levantar a saia da pesquisadora que se surpreende e reage, dizendo: “*não, não, não pode levantar minha roupa, viu, Carlinha?*” E propõe para a bebê num tom carinhoso: “*Vamos cantar se vendo na filmagem? Qual é a música que a gente canta?*” Carla para de chorar, enquanto a pesquisadora continua filmando com a bebê no colo, cantando a música *A canoa virou*.

No fluxo das interações tecidas, observamos que as trocas relacionais entre bebês e pesquisadora também provocaram a interrupção de algumas ações da pesquisa, especialmente, nas situações em que a oferta do colo pelo adulto pesquisador, em resposta às investidas afetivas do bebê, foi reconhecida pelas educadoras como sendo um suporte emocional importante para o grupo. Em decorrência, algumas vezes, a pesquisadora foi inserida em participação no contexto das práticas cotidianas da turma, num lugar de atuação social igualmente relacionado ao papel das educadoras em suas ações de cuidado dirigidas às crianças. Isso pode ser demonstrado em dois eventos selecionados, quais sejam: (i) na ocasião em que Carla (8m 25d) chorou forte e se dirigiu até o colo da pesquisadora que a consolou, segurando a bebê nos braços, ação que provocou numa educadora à proposição para que Carla fosse alimentada sentada no colo, ao dizer para a pesquisadora: “*Carlinha tá mesmo é com fome e quer comer no seu colo. Vou buscar a sopa!*” (Figura 3). (ii) Quando o bebê Augusto (10m 9d) encontrou aconchego no colo da pesquisadora, ao se aproximar e deitar a cabeça na coxa dela, ocasião em que uma educadora interpretou os gestos do bebê como sendo preferência comunicada por ele em relação a querer dormir aos cuidados da pesquisadora, ao propor que ela pudesse niná-lo: pegou a chupeta, a colocou na boca do bebê e indicou o momento da criança dormir, ao pedir para a pesquisadora colocá-lo no colo, dizendo: “*Gutinho tá com sono. Você pode colocar ele com a cabeça no seu peito para ele dormir melhor? Ele tá dodói hoje!*” (Figura 2).



Figura 2: Augusto dorme no colo da pesquisadora (30/03/2022)



Figura 3: Clara chora e depois toma sopa no colo da pesquisadora (17/02/2022)

Conforme demonstramos nas situações interativas, a inserção da pesquisadora nas práticas culturais – igualmente realizadas com relação à função das educadoras de cuidar das crianças e também para participar das rotinas educativas – foi ampliando a perspectiva de atuação do adulto pesquisador: de observador participante para a dimensão social de quem participa observando. Neste caso, a pesquisadora pode compreender os sentidos da organização social a partir de uma perspectiva *de dentro*, documentando o processo e experienciando se tornar um membro do grupo. Estamos falando de concepções e práticas etnográficas que influenciaram a possibilidade da pesquisadora “incorporar a forma, a função e o contexto do comportamento de grupos sociais específicos aos dados” (CORSARO, 2009, p. 83) e que a colocou em diferentes planos de interlocução, observação e participação nas práticas cotidianas de cuidados e educação de bebês.

Nessa trilha de argumentos produzidos em sintonia com os dados gerados, a inserção da pesquisadora em campo e o consentimento dos bebês mostraram-se frutos dos atos imbricados de conviver e pesquisar, que envolveram diálogos e compartilhamentos de sentidos, nos quais pesquisadora-bebês-educadoras se afetaram mutuamente. Estamos falando de processos que foram se constituindo e/ou se desfazendo nas relações sociais e cotidianas, a partir de atitudes de pesquisa fundadas na abertura ao imprevisto, ao diálogo e ao cuidado com o outro social. Portanto, são escolhas teórico metodológicas que perpassam dimensões éticas que abrem espaço para outros estudos e diálogos sobre os diferentes lugares de alteridade que a pesquisa com bebês e suas educadoras nos convida a experimentar para conhecê-los.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Michael. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Hucitec Editora, 2011.

CORSARO, William, A. Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças. In: MULLER, Fernanda; CARVALHO, Ana M. A. *Teoria e prática na*

pesquisa com crianças: diálogos com Willian Corsaro. Cortez: São Paulo, 2009.

FERREIRA, Manuela; LIMA, Patrícia; PIRES, Flavia. Dossiê Etnografia e Infância Apresentação. *Zero-a-Seis*. Florianópolis, v. 21, n. 40, set/dez 2019, p. 213-218.

GREEN, Judith.; DIXON, Carol N.; ZAHARLICK, Amy. A etnografia como uma lógica de investigação. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, n. 42, dez. 2005. p. 13-79.

KRAMER, Sônia, P, A., TOLEDO, M. Leonor, BARBOSA, Sílvia, N. F., 2019. *Ética: Pesquisa e Práticas com crianças na Educação Infantil*. Papirus Editora: Campinas, 2019.